



Miguel Ángel MARTÍN-SÁNCHEZ, Tamar GROVES, Joaquim PINTASSILGO, Jorge CÁCERES-MUÑOZ, *Tradición e innovación en la educación europea en los siglos XIX-XX: Los casos de España y Portugal* (Roma: Aracne, 2018).

Nota introdutória

Neste primeiro livro da coleção *Itinera*, na qual se pretendem publicar, de forma simultaneamente acessível e rigorosa, textos e obras teóricas sobre História da Educação, quatro historiadores reconhecidos na área apresentam uma reflexão conjunta sobre tradição e inovação educativa, nos séc. XIX e XX, nos dois países ibéricos.

A publicação deste livro apresenta-se como um esforço conjunto para, em Espanha e Portugal, se darem a conhecer as origens filosóficas, se caracterizarem e se identificarem semelhanças e divergências,

assim como permanências e evolução, em movimentos pedagógicos inovadores na área da educação.

Uma leitura cúmplice

O texto desta obra de pouco mais de cem páginas, subdividida em quatro capítulos, cada um a cargo de autores diferentes, é uma reflexão sobre pressupostos filosóficos, históricos e educativos que, em dois países muito próximos culturalmente, analisa princípios teóricos e práticas subjacentes a movimentos assumidamente identificados como inovadores e de renovação pedagógica.

A leitura motivadora, os textos bem escritos e sem reparos metodológicos, a possibilidade de serem lidos sequencialmente, cada capítulo a seguir a outro, ou do fim para o início, isto é, começando pelo último e finalizando no primeiro, fazem deste exercício uma excelente, culta e prazerosa leitura. Quando se chega ao final deste texto constata-se que valeu a pena pois ele proporciona uma sólida reflexão sobre um dos temas bem atuais do debate educativo numa sociedade ainda democrática e europeia na qual vão crescendo ideias que colocam em causa conquistas que se julgavam já definitivamente interiorizadas.

Quatro capítulos compõem esta publicação coletiva. Cada um deles tem uma ligação com todos os outros: o primeiro, de Jorge Cáceres-Muñoz, analisa os fundamentos filosóficos que, em Espanha, os pioneiros da inovação educativa convocam a partir do pensamento do filósofo idealista alemão Karl Friedrich Christian Krause (1781-1832).

O segundo capítulo, de Jorge Cáceres-Muñoz e Miguel Martín Sanchez, faz uma leitura contextualizadora e diacrónica da

Institución Libre de Enseñanza (1876-1936) e das possibilidades que ainda hoje existem de sobre ela investigar e de identificar o contributo ímpar que deu para a inovação e a renovação pedagógicas em Espanha.

O terceiro capítulo, da autoria de Tamar Groves, analisa o conflito entre diferentes modelos de educação visíveis no período final da ditadura franquista e do início do período monárquico (1975) que lhe sucedeu, com especial ênfase para o estudo da influência que o movimento da Escola Nova voltou a ter em Espanha, desde os anos 70 do século passado até à atualidade.

O quarto e último capítulo, de Joaquim Pintassilgo, Adriana Pereira e Alda Namora, o único sobre Portugal, parte de duas das séries do *Boletim* (1974/76 e 1976/81), do mais (re)conhecido movimento pedagógico inovador – *Movimento da Escola Moderna Portuguesa* (MEM) – e analisa a forma como aquele movimento, ainda hoje com implantação no meio educativo nacional, se foi inscrevendo e se revê nos modelos de inovação educativa iniciada com a Escola Nova e como foi evoluindo ao longo de uma história de mais de cinquenta anos, a maior parte deles em contexto democrático, posterior ao 25 de abril de 1974.

Estes capítulos remetem, no total, para uma extensa, atualizada e disponível bibliografia de apoio, superior a mais de cem referências.

Depois de uma apresentação sumária de cada capítulo faz agora sentido analisar, de uma forma mais minuciosa, o que cada um deles tem de interessante e deixa para reflexão a quem lê a obra.

No primeiro capítulo – *Krause y Europa: Transferência de su pedagogia y análisis de su ideal comunitario desde la perspectiva actual* – pretende-se identificar as bases do pensamento de Karl Krause e o seu contributo para «construir una alianza de la humanidad y su validez en la crisis europea actual» (p. 17). Ao estabelecimento da biografia do filósofo (1781-1832) segue-se a identificação dos princípios filosóficos subjacentes ao seu pensamento: a defesa do universo como uma representação de um sistema, formado por «un corpus de distintas ciencias en armonia» (p. 18), a defesa de uma visão harmoniosa do mundo sem distinções entre homens e mulheres (p. 19) e que conduz à paz de cada indivíduo consigo mesmo. O mais fiel seguidor de Krause em Espanha foi Julián Sanz del Río (1814-1864) que, a partir daquelas ideias vai trabalhar em educação de uma forma que desagrada a católicos e conservadores. Em 1814 Krause irá defender uma Europa que procurasse viver em paz perpétua (p. 29) o que ia ao arripio do que então começava a delinear-se como um fosso entre grandes e pequenos países e que vai culminar, em 1914, no primeiro grande conflito daquele século. A educação seria a via pela qual se poderia atingir o tal universo harmonioso e de sã convivência entre os diversos povos.

No segundo capítulo, intitulado *Nuevas perspectivas investigadoras sobre la Institución Libre de Enseñanza como campo de investigación histórico-educativo*, pretende-se estudar esta instituição inovadora, desde a sua fundação ao seu ocaso (1876-1936). São definidas as circunstâncias político-educativas que a justificam, como sejam a necessidade de mudar, do ponto de vista educativo, a «situación de atraso

cultural, científico, social que vivia el país» (p. 41). A formação de professores era uma das áreas em que mais seria necessário investir e vai ser Francisco Giner de los Rios (1839-1915) um dos mais entusiastas defensores do *Institución Libre de Enseñanza* (ILE). Como pedagogos vai ser influenciada pelos ideais de Comenio, Pestalozzi, Rousseau e Fröebel. Neste texto analisam-se todos os pressupostos teórico-pedagógicos que ao longo do tempo foram sendo defendidos e aplicados na formação de professores ali realizada (entre muitos outros a defesa do desenvolvimento de um pensamento crítico e interveniente, defesa da educação integral, da simbiose ser humano-natureza, uso do exercício físico, de jogos tradicionais como forma de desenvolver uma sã vivência social em vez de uma competitividade negativa, a defesa da coeducação...) (p. 44). A não distinção de níveis de ensino entre si, da defesa de saídas no meio, colónias escolares e a ideia de que o professor deveria ser mais um companheiro do que alguém cuja função única era o controle, da defesa do asseio e da pontualidade (p.49-50) são muitos outros dos princípios defendidos na ILE. Neste texto são ainda analisados o Boletín de la *Institución Libre de Enseñanza* (p. 51), o Museo Pedagógico Nacional e a Junta para Ampliación de Estudios (p.51), assim como a «Residencia de Estudiantes, la Residencia de Señoritas, el Instituto-Escuela (...) e las Misiones Pedagógicas» (p.52).

Na segunda parte do texto são analisados os contributos e o legado educativo do ILE assim como o interesse que ainda hoje desperta na história da educação em Espanha. O texto termina com um inventário de mais de doze pontos: não só lista, enumera e analisa as investigações que sobre

a ILE têm sido feitas ao longo do tempo mas também apresenta diversas ideias para estimular muitas outras investigações que ainda fazem sentido serem realizadas.

No capítulo La vuelta de la Escuela Nueva a las aulas: España 1970-1985, analisa-se a evolução da presença das ideias da Escola Nova «desde el primer tercio del siglo 20 y hasta los mediados de los 80 em España» ou seja,

El capítulo sigue la evolución de la presencia de la Escuela Nueva (...) mas bien dificultosa y bastante marginada bajo el primer Franquismo para llegar a analizar su espectacular recuperación al final del Franquismo y durante la Transición Democrática. (p.63).

Uma parte fundamental do texto examina, em profundidade, as relações entre este movimento de busca das influências da Educação Nova em Espanha e as relações com os princípios e práticas de Célestín Freinet e as formas de que se revestiu a influência daquele pedagogo naquele país, assim como as perseguições de que foi alvo com o Franquismo.

Excelente é também a análise feita da forma como o Franquismo final teve de conviver e ceder, em alguns aspetos, sobretudo depois de meados dos anos 50 do século passado, às exigências europeias dos organismos que impunham novas formas de organização na educação.

Sendo todo o texto muito interessante, a parte mais estimulante é, sem dúvida, a última na qual é descrita e analisada a forma como alguns movimentos de renovação pedagógica, como Rosa Sensat, na Catalunha, se foram impondo desde meados dos anos 60 do século passado, no meio educativo quer regional quer nacional.

O último capítulo, intitulado *Renovação pedagógica em Portugal nos anos 60 e 70 do século XX: O contributo do movimento da escola moderna (MEM)*, analisa, a partir do Boletim do MEM (1974-1981) os princípios inovadores que este movimento pedagógico veio introduzir nas práticas do quotidiano docente e na formação de professores em Portugal. Criado nos meados dos anos 60 do século passado, em meio hostil a tal tipo de práticas e de teoria educativa subjacente, tendo de se confrontar com algumas (não muito significativas mas ainda hoje vivas) diferentes interpretações, será este o movimento inovador na educação portuguesa que se fará herdeiro dos princípios democráticos da Educação Nova. A leitura e análise que é feita daquela publicação periódica, usada como forma de comunicar entre «militantes» do MEM, a partir de uma bitola muito analítica, tem o mérito de expor, de forma sistematizada e muito objetiva, o que se foi entendendo neste grupo de professores como as marcas de uma inovação que ainda hoje defendem, praticam e divulgam os cerca de dois mil professores que nele se reveem.

Parcerias como esta na área da investigação, no caso concreto sobre tradição e inovação pedagógica no séc. XIX e XX, entre autores de países diferentes mas tão culturalmente próximos, que resultou

num livro intelectualmente tão estimulante poderia e deveria ser aprofundada, agora num âmbito de micro análise ou de inventariação e apreciação de escolas com projetos inovadores. Ao ler este livro muitos dos investigadores do projeto INOVAR: *Roteiros de inovação pedagógica: escolas e experiências de referência em Portugal no século XX* (2016-2018) terão presentes muitas escolas e pedagogos/as que, como aqui se menciona nestes capítulos, entre si trocaram ideias, defenderam os mesmos princípios e agiram no sentido de fazer da educação um dos pilares de aproximação entre povos.

Este livro é fundamental por colocar em diálogo investigadores de países diferentes que estudam temáticas educativas semelhantes e que, desta forma, contribuem para uma visão holística, mais aprofundada e diversa do entendimento da inovação educativa. É-o também por, em simultâneo, lembrar (a quem já trabalha na área há mais tempo) e dar conhecer (a quem a ela mais recentemente chegou) os princípios, os contextos políticos e sociais, as figuras-chave, os obstáculos e as realizações que são comuns e diversas entre os dois países, no campo da inovação educativa.

Ana Maria PESSOA
*Escola Superior de Educação do Instituto
Politécnico de Setúbal*